

O ACONTECIMENTO DISCURSIVO DO FEMININO NA OBRA “REUNIÃO DE FAMÍLIA”, DE LYA LUFT

SILVA, Elisângella Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande
DANTAS, Aloisio de Medeiros (Orientador)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar os conceitos de sujeito, interdiscurso/intradiscurso e acontecimento discursivo presentes no romance “Reunião de família”, de Lya Luft. Em meio à variedade de discursos circulantes na sociedade, escolheu-se como objeto de análise o discurso feminino, uma vez que os conflitos encontrados no enredo enfocam de modo veemente as personagens mulheres, imbricando-as em diálogos que envolvem moralismo, preconceito e o ideal de mulher defendido socialmente. Este trabalho é importante porque permite refletir sobre a interface Linguística e Literatura através da análise do discurso em romances. Esta proposta de analisar discursos permite observar os modos como a sociedade e respectivos discursos são apresentados, pois é baseado em conflitos do cotidiano que a obra “Reunião de família” se constrói, o que torna viável o diálogo entre Linguística e Literatura.

INTRODUÇÃO

Realizar pesquisas em análise do discurso exige um trabalho minucioso com o texto, no qual o analista busca verificar/ interpretar efeitos de sentido. Utiliza-se neste trabalho a expressão “efeitos de sentido” devido à impossibilidade de o enunciador determinar as leituras dos textos que produz. Desta forma, o leitor realiza gestos de interpretação, atrelados a sua formação social e aos discursos que o afetam através da ideologia.

As mudanças de mentalidade vêm acompanhadas de mudanças na percepção dos discursos. Para explicar este fato, toma-se como exemplo o discurso sobre a mulher, que ao longo dos séculos passou por mudanças bruscas e divulgação de ideologias distintas. Se no século XIX defendia-se o estereótipo de mulher como esposa, dona do lar e responsável pela educação dos filhos, hoje este ideal não tem a mesma força de antes, principalmente porque as mulheres conquistaram independência financeira, exercem atividades remuneradas fora do ambiente familiar e conseguiram um tratamento social mais igualitário com relação aos homens. Essas concepções de mulheres se situam em formações discursivas distintas, a saber: a formação discursiva da esposa ideal e a formação discursiva da mulher independente.

No livro “Reunião de família”, Lya Luft retrata conflitos em torno do discurso sobre a mulher, demonstrando, em alguns casos, a disparidade entre os valores apresentados discursivamente e as atitudes e ações dos sujeitos. A narradora-personagem faz da vida uma cena de teatro, dissimulando o oposto de sua personalidade. Esta encenação fornece evidências para se pensar no sujeito multifacetado, que não é único, mas múltiplo pela necessidade de circular pelas diversas esferas sociais, sem deixar transparecer sua verdadeira identidade.

Com base nestas considerações, esta pesquisa traz a seguinte pergunta: Como o discurso sobre a mulher acontece no romance “Reunião de família”? Esta pergunta é solucionada através da consecução dos objetivos aqui definidos.

De modo geral, o objetivo deste trabalho é analisar o discurso sobre a mulher no referido romance e suas implicações para a sociedade contemporânea. De modo específico, o objetivo é descrever o acontecimento discursivo do feminino na obra “Reunião de família” através da mobilização de conceitos de sujeito, acontecimento discursivo e interdiscurso, conforme serão apresentados nos tópicos seguintes.

1. Sujeito e discurso

Os discursos participam ativamente da formação ideológica dos sujeitos, sendo através das formações discursivas que estes se constituem ideologicamente e aderem aos discursos culturalmente impostos ou mais convincentes.

Os discursos presentes na sociedade se agrupam em formações discursivas, esferas responsáveis pela formação ideológica dos sujeitos. Uma evidência desta afirmação é o fato de que todo discurso é carregado de ideologia e leva o sujeito a determinados tipos de crenças, valores ou modos de comportamento, assujeitando-o ao discurso.

Tem-se a falsa impressão de que todo aquele que fala é dono do que diz. No entanto, a AD (Análise do Discurso) trata sobre a inconsciência dos sujeitos em não perceber o interdiscurso em sua fala. O que se faz é a utilização de discursos socialmente constituídos, que se repetem ao longo da história.

Considerando que o ser adâmico não está presente na contemporaneidade, pode-se afirmar que o sujeito se dilui no interdiscurso, através de discursos outros que permeiam o seu dizer. Portanto, dizeres de formações discursivas distintas podem ser encontrados em um texto e são estes dizeres que refletem a formação ideológica dos sujeitos.

As diversas vozes que perpassam os textos sugerem a sensação de novidade. Porém, vale salientar que o “novo” em AD é aparente, é fruto do esquecimento discursivo, por meio do qual os sujeitos acabam não percebendo que os discursos, assim como toda atividade de linguagem, advêm de uma construção sociocultural. Claro que os sujeitos ocupam lugar de destaque na construção dos discursos. No entanto, uma vez constituídos, esses discursos influenciam ideologicamente os sujeitos.

Considerando o fato de que o objeto empírico deste trabalho é uma obra contemporânea, vale tecer algumas considerações sobre o sujeito contemporâneo, o que implica tratar acerca das relações do sujeito com a cultura, com a história e com a alteridade.

O sujeito é definido pela sua formação social, pois a ideologia, a memória e a historicidade circulam em dada cultura. Nesta mesma linha de raciocínio, Mariani (2009, p.45) afirma que: *pensar a cultura é, em muitas situações, falar do desejo do sujeito e daquilo que limita esse mesmo desejo em nome do laço social. Ou ainda, trata-se de discutir o narcisismo que não tolera as diferenças ou limites.* Neste ponto, a autora salienta que uma concepção de tendência narcísica ou individual não se sustenta quando se fala em sujeito, uma vez que:

Sua interpelação relaciona-o com o imaginário e sua estruturação como sujeito faz-se através de sua relação com o simbólico. E essas duas regiões tão diferentes em sua essência - sujeito social dotado de inconsciente, mas se percebe plenamente consciente – manifestam-se conjuntamente na constituição do sujeito de discurso: é interpelado, mas se acredita livre; é dotado de inconsciente, mas se percebe plenamente consciente. (INDURSKY, 1997, p.33)

O laço social contemporâneo constrói um tipo de sujeito multifacetado, que assume posições-sujeito para cada esfera de interação. Trata-se de um sujeito influenciado por diversas formações discursivas, afetado pela organização político-econômica, pela mídia, pela violência, pelo terrorismo e, ao mesmo tempo, assim como fala Indursky (2009, p.16), é um sujeito livre, democrático, multi-cultural, comunitário, cidadão. Em meio a estas condições, a contemporaneidade traz um sujeito marcado pela contradição, transpassado pelo individual e pelo social. Ao mesmo tempo em que existe a tentativa de evidenciar a individualidade, as instituições sociais (a política, a Igreja, a família, dentre outras) influenciam discursivamente os sujeitos. Estas considerações sugerem um tipo de sujeito fragmentado, em que o outro se faz presente nos discursos e que pode assumir, numa dada formação discursiva, diferentes posições-sujeito. Neste sentido, o sujeito é marcado pela heterogeneidade, adequado à seguinte definição: *é um sujeito relativizado, com forte presença do outro, com quem divide seu espaço discursivo – é ele, mais a complementação do outro, mais o inconsciente.* (CAZARIN, 2007, p.113)

2. O interdiscurso na fala do sujeito

Nenhum sujeito pode caracterizar-se como dono de um discurso, pois sua fala é perpassada por dizeres de outros sujeitos e por discursos advindos de lugares sociais diversos. Esses discursos que perpassam a fala dos sujeitos recebem o nome de interdiscurso.

Longe de serem considerados como propriedade individual dos sujeitos, os discursos são construídos socialmente e na sociedade circulam como marcas de poder e vontades de verdade. Sob esta ótica, a formação ideológica do sujeito está relacionada às formações discursivas a que ele teve acesso. Assim, o sujeito tem a impressão equivocada de que todo dizer é propriedade individual. Ele tem a falsa impressão de que cada sujeito exerce pleno controle sobre os discursos que profere. Porém, a posição aqui defendida é a de que não existe propriedade sobre os discursos, estes se encontram atrelados às instituições sociais, que podem influenciar ideologicamente os sujeitos.

Considerando a relação entre discurso e poder, é possível afirmar que a formação ideológica está relacionada às formações discursivas, pois cada uma delas é constituída por um conjunto de saberes e dizeres relativamente estáveis que, através do poder ideológico, atuam sobre os sujeitos. Esta afirmação pode ser exemplificada com sujeitos que frequentam determinada ordem religiosa. O fato de estes sujeitos terem acesso a esta formação discursiva evidencia o discurso religioso na fala dos mesmos, sobretudo nos argumentos em que, veementemente, defendem a ordem que frequentam. No entanto, o discurso religioso não é o único que perpassa a fala desses sujeitos, pois a formação ideológica, tomada de um ponto de vista social, é ampla. Isto implica dizer que discursos outros se apresentam na fala do sujeito, tais como: o discurso do moralismo, do machismo/ feminismo, do preconceito, e muitos outros a que ele tiver acesso e for influenciado.

Estes saberes ou estes discursos revelados na fala dos sujeitos são provenientes do interdiscurso. Neste trabalho, o interdiscurso define-se como:

(...) lugar de formação de pré-construído funciona como elemento regulador do deslocamento das fronteiras de uma FD, controlando a sua reconfiguração e permitindo a incorporação de pré-construídos que lhes são exteriores, provocando redefinições, apagamentos, esquecimentos, ou denegações entre os elementos de saber de uma referida FD. (INDURSKY, 1997, p.35-36)

Segundo Dantas (2011, p.105), “O interdiscurso constitui um conjunto de discursos, que, sob o modo enunciativo, ou ideológico, constitui os textos e as falas dos sujeitos.” Neste

sentido, a fala dos sujeitos suscita discursos, deixando marcas que permitem dizer que nenhum dito é originado por si mesmo, mas perpassado por história, memória e, de modo mais abrangente, por interdiscursividade.

Na fala dos sujeitos, identifica-se a heterogeneidade de discursos que não se originam nele mesmo. Ao fazer uso dos discursos, revela-se o interdiscurso, cujo elemento constitutivo é o pré-construído. Por meio do pré-construído, as formações discursivas se relacionam com seu exterior, sendo praticamente impossível estabelecer limites a uma formação discursiva, pois este domínio de saber relativamente fechado apresenta divergências no tocante às posições-sujeito que suscita. Como o inconsciente se faz presente no processo de elaboração dos dizeres, o falante vai se apropriando de saberes alheios, como se ele os produzisse. Sendo assim, outros discursos aparecem na nossa fala, havendo uma apropriação de discursos circulantes no meio social.

O uso da língua impossibilita afirmar que os sujeitos residem em zona de conforto, isto se justifica com a evidência de discursos antagônicos, divergentes entre si e que refletem verdades distintas.

Em análise do discurso, a ideia de discurso verdadeiro assume certa fragilidade, pois se acredita que a verdade única é inexistente. Logo, o interdiscurso é constituído por verdades diversas, que refletem formações discursivas divergentes.

Mesmo diante da diversidade de discursos, sobressaem-se aqueles atrelados às instituições de poder e de influência social. É por esta razão que a luta contra verdades instituídas pode ser vã, principalmente porque o poder social que possuem não permite que elas sejam eliminadas. Um exemplo clássico, porém de fácil compreensão, é a luta contra o discurso religioso, no qual o questionamento de suas verdades ou dos seus dogmas não se sustenta no meio onde a respectiva formação discursiva atua.

A reflexão sobre o interdiscurso, e sobre as posições-sujeito nas formações discursivas é realizada através do intradiscurso, identificado na sequência discursiva ou na materialidade linguística. No romance, por exemplo, a análise das sequências nele apresentadas é o ponto de partida para perceber o interdiscurso, ou a rede de discursos paralelos ou transversos que perpassam a obra.

(...) o interdiscurso enquanto discurso-transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui um “sujeito falante”, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto “fio do discurso” do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” meramente determinada como tal “do exterior”. (PÊCHEUX, 1988, p. 167)

O mundo fictício da narrativa é construído de modo que os sujeitos discursivos representados nele têm plenos direitos. Por este conceito, o romance não constrói um tipo de discurso em que o autor é responsável pela fala dos personagens. Estes, por sua vez, ganham vida na obra e assumem posições-sujeito nas formações discursivas propostas na interdiscursividade da narrativa.

3. Acontecimento discursivo

Dentre os conceitos trazidos pela AD, há o de acontecimento discursivo. Segundo pesquisas feitas nessa área, verifica-se que esse conceito é relegado a segundo plano, associado frequentemente à história e à noção de arquivo, o que não tira a importância do acontecimento discursivo para entender a construção dos discursos.

Possenti (2009, p. 119) afirma que acontecimento discursivo é uma noção essencial para a AD, porque está intrinsecamente relacionado com o enunciado e com a história. Para o autor, o acontecimento é caracterizado “*como o que foge à estrutura, ou a uma rede causal*”. Sob esta ótica, os discursos podem ecoar infinitamente na sociedade, mas o acontecimento é único e marcado historicamente.

Um exemplo hipotético que o autor traz é o acontecimento *feminismo*, conforme trata a citação seguinte:

Seja o caso do acontecimento feminismo, como exemplo hipotético de diversas consequências: é certo que algum manifesto ou congresso pode ser um grande acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar de datas anteriores – em revistas, jornais, simpósios, livros, entrevistas etc.). Mas há mais: por debaixo deles, ou a seu lado, surge, por exemplo, um discurso do corpo, da beleza, da sexualidade, do controle de natalidade, da saúde; e, ainda, da fidelidade, do divórcio, das alternativas sexuais; e, ainda, o das creches, do trabalho feminino, do assédio sexual. Não esqueçamos de todos os textos novos de humor que todos esses acontecimentos permitem, por sua vez. (POSSENTI, 2009, p. 126)

O acontecimento discursivo situa-se historicamente, sendo por esta razão que é possível localizar discursos recorrentes em determinado momento histórico. A noção de acontecimento também está incluída na noção de arquivo, que reúne o conjunto de discursos afins, identificados por fazerem referência a determinado momento histórico.

Em estudos na área de Análise do Discurso, considerar o acontecimento discursivo é mais do que narrar linearmente os fatos. Tal estudo exige o rompimento com a história linear, uma vez que não se restringe apenas em descrever a evidência dos fatos, voltando-se ao

trabalho com os discursos em sua relação com a história e com a memória. Quando se efetua esse tipo de trabalho, causa-se a impressão de que o analista do discurso apresenta uma visão mais informada sobre os fatos. Esta impressão decorre do confronto dos discursos historicamente situados e do resgate de memórias inerentes ao acontecimento discursivo.

4. Análise dos dados

O livro intitulado “Reunião de família”, de Lya Luft, é uma obra contemporânea que foi publicada em sua primeira edição na década de 80. A autora utiliza-se de um enredo envolvente e consegue tratar de conflitos familiares comumente encontrados no cotidiano, tais como: a desestruturação da família, relacionamento extraconjugal e a dissimulação dos sujeitos, contrastando as aparências e a verdadeira identidade.

O foco deste trabalho é explicar como o discurso sobre a mulher acontece na obra supracitada, questão que se justifica porque o discurso sobre a mulher perpassa a totalidade da obra, sendo fortemente marcada na fala da personagem Alice. Na condição de narradora no romance, as opiniões da mesma predominam, sobretudo nas sequências em que se revelam as memórias e a interdiscursividade, conforme pode ser visto neste trabalho.

Para a confecção da análise, seguiram-se três etapas. A primeira consiste na descrição do acontecimento discursivo de maior relevância no enredo – a reunião de família. Na segunda etapa, fez-se análise das posições-sujeito assumidas pela personagem Alice e, por último, a análise da interdiscursividade presente nos diálogos selecionados.

Como o próprio título do livro aponta, o enredo se desenvolve em torno de um acontecimento discursivo - a reunião de família, através da qual os discursos vêm à tona, revelando sujeitos que dissimulam sua verdadeira identidade, atravessada por diferentes formações discursivas.

O fato motivador do acontecimento tratado na obra é a morte do sobrinho de Alice. Esta morte causou danos à saúde psicológica da mãe (Evelyn), que se comportava como se o menino ainda estivesse vivo. Inicialmente, a finalidade desta reunião era encontrar uma solução para os problemas enfrentados por Evelyn em decorrência da morte do filho, porém o reencontro da família findou com a revelação de segredos e com a desconstrução da imagem da narradora-personagem. Neste sentido, ocorrem dois movimentos discursivos na obra: o primeiro é a construção da imagem ou reputação de Alice e o segundo é a desconstrução da identidade que a protagonista apresenta sobre si mesma. Esta imagem inicial pode ser vista nos recortes textuais abaixo, formalmente marcados pelas iniciais Rt.

Rt 1 A essa altura, o pior passou: as dúvidas, as inquietações, encobertas pelas paradas águas da rotina. **Sou apenas uma dona-de-casa, vida exclusivamente doméstica, marido e dois filhos que já são quase homens e nunca me deram preocupação.** (LUFT, 1991, p.11)

Rt 2 Não gosto de sair de casa; **detesto viajar sozinha e meu marido recusou-se a vir:** afinal, disse, não era problema dele. Se eu quisesse, poderia ir. Então resolvi aceitar, mas, como **não estou habituada a tomar decisões,** fiquei, inquieta. (Id., p.11))

Rt 3 Estar com Aretusa também é um jogo: o jogo dos contrastes. Eu cheiro a cozinha; ela, a cigarro e jasmim. **Somos amigas de infância, mas pouco temos em comum. Não posso imaginá-la vendo televisão à noite ao lado de um marido que lê jornal de pijama e chinelos.** (Id., p.17)

Em tais recortes textuais, observam-se sequências discursivas (marcadas em negrito) que remetem ao estereótipo de mulher dona-de-casa - dedicada à família e aos afazeres domésticos. Alice, ao menos nos primeiros capítulos do livro, é exemplo de mulher fiel à família, demasiadamente dedicada, conforme expõe no seguinte recorte:

Rt 4 (ALICE) (...) **Preciso de tudo ordenado e calmo. Vida se resolvendo nas pequenas lidas de cada hora; executar tarefas sensatas e úteis;** saber que no fim do dia meu marido vai chegar, um homem quieto e pacato. E que, entrando em casa quase junto com ele, meus dois filhos me beijarão na testa, distraídos, dizendo: “Boa noite, velha.” (Id., p.17)

Seguindo os procedimentos da Análise do Discurso, utilizaram-se os recortes textuais para explicitar as sequências discursivas que respondem à pergunta de pesquisa. Tais sequências estão marcadas em negrito.

Em Rt 1, a sequência discursiva marca a simplicidade de Alice, dedicada à vida doméstica e dona de um lar “exemplar” – com marido e filhos que não lhe deram trabalho. Em Rt 2, observa-se a posição inferior que a protagonista se coloca com relação ao marido, através do discurso que separa os papéis sociais de homens e mulheres. Este discurso remete para uma concepção de família patriarcal, na qual o homem é uma figura respeitada no ambiente familiar, principalmente porque se supõe que possui a sabedoria necessária para manter a ordem nas relações familiares. Neste sentido, as sequências marcadas em Rt 2 colocam a mulher sob a condição de inferioridade, pois a protagonista não demonstra a capacidade de fazer suas próprias escolhas. Ela está sob a tutela do marido, que na condição de “dono”, guia e autoriza as ações da esposa.

A construção do sujeito Alice ocorre em oposição a outro sujeito da obra (Aretusa), conforme sinalizam as sequências marcadas em Rt 3. O discurso marca sujeitos opostos, que

nada tem em comum. A oposição entre Alice e Aretusa se refere à afinidade destas personagens com a vida doméstica. A primeira expressa esta afinidade em sua fala e descreve a não correspondência entre Aretusa e a vida doméstica.

Esse discurso de “mulher-família” não é mantido no acontecimento discursivo, pois é no momento em que a família se reúne à mesa que se tem a sensação de “desnudamento” da protagonista. Isto significa dizer que os primeiros capítulos do livro apresentam apenas uma das faces de Alice. O discurso da narradora estabelece a correspondência do sujeito-mulher ao discurso moralista, o que revela sua primeira posição-sujeito no discurso. Portanto, o sujeito que inicialmente se apresenta na obra é a “dona de casa”, conformada com sua vida pacata, de dedicação ao marido e aos filhos. Posteriormente, a obra revela outras posições-sujeito da personagem Alice e distintas formações discursivas.

Os recortes seguintes exemplificam a desconstrução da mulher “dona de casa” através das posições-sujeito da narradora. Os quatro fragmentos seguintes, indicam, respectivamente, a mulher sem amor, a mulher lésbica, a inconformada e, por último, a mulher libertina.

Rt 5 (EVELYN) - Não queira ser a palmatória do mundo, Alice, você tem obsessão de julgar os outros, já notou? **Você não ama ninguém, nunca amou; nem o marido e os filhos você ama de verdade.** Faz tudo por eles, banca a escrava deles, apenas porque tem medo da solidão. Você não ama ninguém! (LUFT, 1991, p.105)

Rt 6 (ARETUSA) - Esqueceu o que você fazia no quarto antigamente, esqueceu? Quando a gente ficava sozinha? A santinha esqueceu, mas bem que gostava... Ah, como gostava! – Sua voz agora é um guincho, uma voz obscena; que animal guincha na minha memória? Ela continua: - **O que a gente fazia? Não vá me dizer agora que era brincadeirinha de criança, porque não éramos mais crianças!** (RF, p.109)

Rt 7 (ALICE) Quero morrer. Sinto uma incontável vontade de morrer, e descubro que essa vontade não é nova, é antiga, muito antiga. **Quis morrer dezenas de vezes, lidando na cozinha, carregando a sacola de compras, lendo sozinha na sala, vagando pela casa de madrugada quando tinha insônia, escutando meu marido roncar, ouvindo o ruído de sua mastigação, aguentando as brigas de meus filhos e disfarçando a dor quando me chamavam de velha.** (RF, p. 109)

Rt 8 (EVELYN) – É a história mais ridícula do mundo! – (...) – Vocês não sabiam, mas eu sabia! **Alice, a boazinha, a dona-de-casa honesta! Ela tem um amante.** Isso mesmo, um amante! Pensam que não é possível, mas é possível sim, é verdade! Um amante que se chama Matias, ela mesma me contou. O que faz com ele a cada momento, o que sente, uma vergonha! Ela tem um amante! (...) (RF, p. 116)

Os discursos que as outras personagens apresentam a respeito de Alice provocam, no sentido metafórico, um estilhaçamento do espelho, pois Alice construiu para si uma imagem que não correspondia com a realidade, certamente para apresentar-se à sociedade e à família. Essa estratégia utilizada por Alice não se sustenta porque a irmã (Evelyn) e a cunhada

(Aretusa) conhecem a história da mesma desde a juventude e tem informações suficientes para invalidar o discurso da narradora.

A metáfora do espelho é uma característica marcante na obra, sobretudo porque revela uma identidade escondida da personagem Alice. Ela preferia manter uma imagem moralista, como se quisesse dar satisfação à sociedade sobre sua conduta. Mas o espelho revelava a imagem de um sujeito completamente diferente das aparências, anulando os efeitos da educação rígida que teve no seio familiar para satisfazer o desejo do corpo através de relacionamentos extraconjugais. A satisfação desse desejo a fez passar do moralismo do discurso para o adultério, conforme sinaliza o recorte textual abaixo.

Havia a Alice do espelho: também não tinha mãe nem precisava dela; na verdade, não nascera – era eterna na sua disponibilidade, flutuava naquele mundo polido, era um lampejo de liberdade. Alada Alice. (Id., p.35)

As sequências textuais marcadas em Rt 5 e Rt 7 apontam a inconformidade de Alice com a vida doméstica. Nestes recortes, explicitam-se os pontos em comum entre ela e Aretusa e o mais marcante é a falta de afetividade com a família. A diferença é que a mulher sem amor, representada por Alice, se explicita de forma velada. Ela demonstra em seu discurso o cuidado com os afazeres domésticos, mas na realidade era tomada pelo inconformismo e por anseios de liberdade que não demonstrava publicamente. Nestes recortes, Alice assume as seguintes posições-sujeito: a mulher inconformada e a mulher suicida. A sua fala revela o inconformismo por não suportar manter a máscara de mulher dona-de-casa. A Alice boazinha, fiel, casada e dedicada era apenas uma aparência moralista.

Esta personagem é marcada pela contradição (aparência x essência), e isto reflete as formações discursivas que a constituem enquanto sujeito. A Alice responsável, fiel e dedicada reflete a educação rígida que teve na infância. Já a Alice adúltera, lésbica, sem amor e inconformada talvez se justifique pelo seu relacionamento com a cunhada, que sempre lhe mostrara a liberdade do corpo e o prazer como forma de satisfação pessoal.

5. Considerações finais

O romance é um espaço de interdiscursividade, capaz de refletir os discursos sociais bem como os conflitos que podem causar. A obra aqui analisada - “Reunião de Família” - apresenta discursos sobre a mulher, mostrando a repercussão dos mesmos sobre a personalidade de Alice: a dona-de-casa fiel e dedicada - no início do enredo; e, no final do enredo, a mulher adúltera, inconformada, lésbica e sem amor, completamente diferente do

estereótipo de mulher moralista. É importante salientar que na leitura discursiva as personagens do romance não são entendidas apenas como criação ficcional. Estas personagens, portanto, são sujeitos e se caracterizam pelos discursos que atravessam seus dizeres e pela forma como ficção e realidade dialogam no romance.

6. Referências bibliográficas

CAZARIN, Ercília Ana. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In FERREIRA, Maria Cristina e INDURSKY, Freda (orgs.). *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007.

MARIANI, Bethania. Sujeito e discursos contemporâneos. In INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina e MITTMANN, Solange (orgs.). *O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. 1ª ed. São Carlos: Claraluz, 2009.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

DANTAS, Aloisio de Medeiros. *Linguística de literatura: um estudo, vários caminhos*. Campina Grande: Bagagem, 2011.

PÊCHEUX, Michael. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*; tradução de Eni Pulcinelli Orlandi (et al.). Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Campinas: São Paulo: Editora UNICAMP, 1997.

